

“ME FORMAR PARA MUDAR DE VIDA”: OS REFLEXOS DO ENSINO SUPERIOR NA VIDA DAS JOVENS NEGRAS DO SÚBURBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR¹

Beatriz Gomes do Nascimento²

RESUMO

A população negra brasileira, sobretudo aqueles oriundos das zonas periféricas das grandes cidades, neste caso, o Subúrbio Ferroviário de Salvador são confrontado ou enfrentam constantemente obstáculos que as impedem de ter acesso aos diversos serviços públicos, essencialmente, saúde, educação, lazer e infraestrutura, entre outros. Buscando superar esses constrangimentos socioeconômicos, os jovens negros da periferia têm apostado no ensino superior. Nessa perspectiva, a pesquisa procurou compreender os efeitos da educação universitária na vida da população negra da região do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Para melhor compreender o nosso objeto de estudo, recorremos a uma abordagem qualitativa, cujos dados foram coletados a partir da entrevista semiestruturada com quatro jovens negras que durante as suas trajetórias acadêmicas residiram no Subúrbio Ferroviário de Salvador, o qual foi utilizado a análise da trajetória para interpretar as informações recolhidas. Concluiu-se que essas jovens conseguiram mudar os padrões de vidas delas e suas famílias, após o término do curso superior e ingresso no mercado de trabalho na área de formação, o que transparece que a educação foi um fator determinantes na ascensão social dessas famílias.

Palavras-chave: jovens negras - Salvador (BA); mulheres de nível superior - Salvador (BA); Subúrbio Ferroviário (Salvador, BA) - condições sociais.

ABSTRACT

The Brazilian black population, especially those from the peripheral areas of large cities, in this case, the Subúrbio Ferroviário of Salvador, are confronted or constantly face obstacles that prevent them from having access to various public services, essentially, health, education, leisure, infrastructure, among others. Seeking to overcome these socioeconomic constraints, young black people from the periphery have opted for higher education. In this perspective, the research try to understand the effects of university education on the life of the black population in the Subúrbio Ferroviário region of Salvador. In order to better understand our object of study, we resorted to a qualitative approach, whose data were collected from semi-structured interviews with four young black women who, during their academic careers, lived in Subúrbio Ferroviário of Salvador, a place used to analyze the trajectory and interpret the information collected. It was concluded that these young people were able to change their standard of living and their families, after finishing higher education and entering the job market in the area of training, which shows that education was a determining factor in the social ascension of these families.

Keywords: higher education women - Salvador (BA); Subúrbio Ferroviário (Salvador, BA) - social conditions; young black women - Salvador (BA).

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Carla Graice da Silva.

² Bacharela em Humanidades e licencianda em Ciências Sociais pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

As assimetrias sociais, raciais e regionais são consideradas características típicas das cidades metropolitanas brasileiras. No caso de Salvador, capital baiana se comparar o nível de condições sociais entre a região da Orla Marítima com o Subúrbio Ferroviário, percebe-se uma desigualdade não só em termos de infraestruturas públicas e sociais, mas também no perfil de pessoas que residem e frequentam aqueles bairros. No Subúrbio, nosso loco de pesquisa, situado ao Oeste da cidade, existe uma concentração significativa das populações menos favorecidas, tendo um denominador comum a cor da pele. Os dados do Censo Demográfico de 2010 demonstram que mais de 80% dos residentes se autodeclararam negros e de classe média baixa, fatores relevantes para a compreensão dos debates sobre a desigualdade social, racial e de sexualidade no Brasil. Buscando contornar, ou melhor, amenizar essas vicissitudes, os indivíduos principalmente jovens negros oriundos dos bairros periféricos têm utilizado o ingresso na educação superior como estratégia para fazer essa reversão social.

O presente trabalho buscou compreender as influências do ensino superior na vida de jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador, uma das três grandes regiões que formam a capital baiana. Levando em consideração os desafios do ingresso no ensino superior, jovens de periferias tem contado com as políticas públicas educacionais, a exemplo da Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES, Programa Universidade para Todos – PROUNI, as cotas sociais e raciais, entre outras políticas de ações afirmativas que asseguram a participação das classes desfavorecidas nas universidades. A criação desses programas transparece o reconhecimento - embora tardio - do próprio governo federal acerca das assimetrias existente. No caso do Subúrbio Ferroviário de Salvador, antes do ingresso no ensino superior, os jovens enfrentam dificuldades associadas a precariedade de infraestruturas básicas, tais como, saneamento básico, segurança públicas, saúde, espaços de lazeres, acesso à educação entre outros constrangimentos sociais.

A nossa hipótese inicial sustenta que, na ausência dessas infraestruturas, a população - essencialmente jovens negros - tem recorrido ao acesso da educação superior para, no mínimo, conseguir proporcionar melhores condições de vida aos seus familiares. É plausível destacar que a relação entre a educação e ascensão

social não são automáticas, uma vez que é condicionada pelo racismo estrutural, cujas pessoas negras têm maiores dificuldades para ingresso no mercado de trabalho mesmo após concluir a formação superior. Nesse contexto, acredita-se que analisar as relações entre a educação e ascensão social no Subúrbio Ferroviário de Salvador torna-se um interessante objeto de estudo. Apesar da presença notável dos jovens negros oriundos das periferias no ensino superior registrada nas últimas duas décadas, os jovens suburbanos ainda se deparam com dificuldades de acessos associadas à concentração das universidades nos grandes centros e a insuficiência de insumos para a permanência nas universidades dado o alto custo de vida nas metrópoles.

Diante desse contexto, a partir da análise da trajetória a pesquisa, buscou-se compreender como o acesso ao ensino superior influencia na melhoria das condições de vida das jovens negras do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa, fundamentada através da realização de entrevistas semiestruturadas aplicadas a quatro jovens oriundas do Subúrbio Ferroviário de Salvador, apesar de entrevistarmos apenas mulheres, o gênero nesse trabalho não é a temática focal. Quanto à técnica de interpretação das informações foi utilizada a análise de conteúdo. De forma sucinta, este trabalho encontra-se dividido em seis seções incluindo essa introdução e as considerações finais. Em seguida, apresentamos a divisão socio-geográfica do Salvador, buscando contextualizar o leitor sobre o nosso loco de pesquisa. Chegamos à conclusão de que o Subúrbio de Salvador é uma das regiões de maior déficit de infraestruturas básicas, o que exige uma maior presença do setor público para execução de políticas de ações afirmativas que facilitasse aos jovens a possibilidade de ingresso no ensino superior e a melhoria da qualidade de vida.

Na secção seguinte colocamos a debater as relações dos jovens negros com a educação. Nesse ponto percebemos que os jovens negros de classe baixa média tem dificuldades de acesso à educação desde o ensino fundamental até superior, devido à condição financeira das famílias e também da carência da própria região que as vezes não oferecem educação de qualidade. Na quarta seção apresentamos de forma detalhadas a metodologia que conduziu todo o processo dessa investigação. Verificou-se a análise da trajetória das entrevistadas, exigindo um mais de esforços para coletas de informações em face à distância entre os interlocutores e a pesquisadora. Na penúltima seção apresentamos o estudo de caso, no qual

percebemos que as jovens que foram entrevistadas, demonstraram que a educação as tem proporcionado melhorias, apesar dos desafios que enfrentaram durante o percurso acadêmico e a busca pelo ingresso no mercado de trabalho.

2 APRESENTAÇÃO DO SUBÚRBIO DE SALVADOR

A cidade do Salvador é a quarta maior capital do país levando em consideração a quantidade de habitantes estimada em dois milhões e novecentos mil pessoas segundo o último Censo (IBGE, 2010). À semelhança do resto do estado, a capital baiana enfrenta um nível de desigualdade regional e social significativo. Atualmente a cidade encontra-se dividida em três grandes áreas (Mapa 1): a Orla Marítima Norte, o Miolo e o Subúrbio Ferroviário.

Mapa 1 - Mapa de Salvador delimitado de acordo com o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano



Fonte: PDDU (2016)

No que tange as características socio-geográficas, a Orla é reconhecida como uma localidade nobre da cidade, associado à alta taxa de concentração de riqueza, investimentos e infraestruturas públicas. O segundo, Miolo, constitui-se o centro geográfico da cidade, no qual a maioria das infraestruturas habitacionais são ocupadas por pessoas de classe média baixa, ocupações irregulares e os serviços

públicos e com infraestruturas básicas restritas. Também temos o Subúrbio Ferroviário de Salvador, que corresponde ao nosso recorte geográfico. É composto por quinze bairros³, caracterizado como um lugar que carece de infraestrutura, serviços básicos, e marcado por alto índices de violência e pobreza (BORGES & CARVALHO, 2017).

Para o melhor entendimento acerca das condições sócio-históricas do Subúrbio, devemos recorrer a pelo menos dois séculos atrás, essencialmente a década de 1860, quando iniciou o processo de ocupação e a implementação da via ferroviária na região. Com a construção dessa via de acesso, diversas pessoas iniciaram a ocupação permanente desses territórios, embora de forma tímida. Em contraste, Régis (2007) argumenta que com o tempo ocorreu um crescimento desenfreado na área, que em 1940 já detinha vários loteamentos e ocupações irregulares. A luz de Espinheira & Soares (2006), nota-se que o processo de ocupação de Salvador nas áreas populares acontecia de forma descontrolada, diferente das áreas centrais. Além disso, os autores afirmam que o processo de ocupação da cidade do Salvador aconteceu de forma perversa, que resultou numa urbanização segregada, no qual as pessoas que não possuíam um elevado poder aquisitivo eram impulsionadas a morarem nesses territórios.

É redutivo associar o crescimento urbano pela periferização da capital baiana. Efetivamente, o fenômeno da periferização é resultado de uma política urbana estatal que estimulou a segregação social e espacial (ESPINHEIRA & SOARES, 2006), no qual a população com menor renda foi forçada pelos altos custos urbanos a viverem em lugares que, além de distante dos centros comerciais e serviços públicos, careciam de transportes públicos, e, quando havia, era de baixa qualidade de infraestrutura. Reforçando essa tese, Cristiane Souza (2013) afirma que no processo de construção de um Salvador “moderno”, a região do Subúrbio consolidou-se com base na segregação sócio espacial e pobreza, sendo um local com serviços restritos e concentrando uma população majoritariamente negra.

Nesse sentido, podemos afirmar que além de uma dimensão social, a modernização da cidade de Salvador tem uma dimensão racial, no qual as populações, a maioria dos residentes no Subúrbio Ferroviário, são consideradas

³ Os bairros são: Alto da Terezinha, Coutos, Fazenda Coutos, Ilha de Bom Jesus dos Passos, Ilha de Maré, Ilha dos Frades, Itacaranha, Nova Constituinte, Paripe, Periperi, Plataforma, Praia Grande, Rio Sena, São João do Cabrito e São Tomé de Paripe.

negras. De acordo com os dados do último Censo do IBGE (2010) a população suburbana corresponde a dez por cento da população geral da capital, no qual os seus habitantes majoritariamente declaram-se pretos e pardos, totalizando em 86,44%. Assim sendo, Carvalho (2020) argumenta que a apropriação do espaço urbano está delimitada com as estruturas sociais e as desigualdades e conotação racial, no qual determinados lugares são marcados de acordo com o tom de pele de seus moradores como podemos ver no Subúrbio, onde grande parte se declarou pretos e pardos.

Em relação às dimensões sociais, nota-se que o percentual da população do Subúrbio que não sabe ler e nem escrever corresponde ao total de 2,68%, o rendimento médio dos responsáveis por domicílios particulares permanentes era de R\$ 906,68 e a caracterização dos domicílios aponta que foram identificados 32 aglomerados subnormais⁴, e que os bairros que possuíam maior número de aglomerados era Rio Sena e Nova Constituinte. O abastecimento de água por rede geral era de 94,60%, esgotamento sanitário de 85,12%, no que diz respeito a condição de ocupação 82,43% eram imóveis próprios, 13,37% alugados e 3,18% cedidos (CONDER, 2016).

É importante destacar os dados da Plataforma, que é um dos maiores bairros da suburbana, a população local de acordo com o Censo IBGE (2010) era de 34.034 mil habitantes. Quando vamos analisar o número de pessoas não alfabetizadas acima dos quinze anos o percentual fica em 4,30 %, fazendo uma breve comparação com o bairro da Barra, um dos localizados na zona da Orla Atlântica onde estão os bairros da população com maiores poderes aquisitivos, nota-se que a população é de 17.298 habitantes e que a população não alfabetizada acima de quinze anos é de 1,12% da população. Outro item que mostra as discrepâncias que ocorrem em Salvador é a média salarial, enquanto no bairro de Plataforma a média salarial está entre 0 a 1 salário mínimo, já na outra ponta da cidade a média mensal é de R\$ 6.585,00 (IBGE, 2010).

Em relação ao trabalho, Borges e Carvalho (2017) afirmam que o mercado de trabalho concentra-se nos grandes centros, como na Orla Atlântica, o antigo

⁴ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entende-se por aglomerados subnormais, conjuntos com 51 ou mais habitações que tem como característica; falta de título de propriedade, carência de serviços públicos, tais como coleta de lixo, rede de esgoto, iluminação pública. Sendo esses aglomerados fruto da má distribuição de terras, o que direciona as pessoas a habitarem nessas áreas.

centro no Comércio, ao atual na Av. Tancredo Neves e na região da Paralela, o que leva aos moradores do Subúrbio a enfrentarem, longos trajetos, transporte público precário para deslocar-se ao trabalho, tendo em vista que os trabalhos ofertados nas regiões que residem, não contempla ao contingente populacional, e geralmente são trabalhos em bares e mercados.

Sob a percepção de Carvalho (2020) os negros foram historicamente explorados e, por conseguinte, vem a residir nas áreas mais populares da cidade. Importa pontuar que tanto jovens como adultos, residentes nesses territórios estão submetidos a uma realidade sociocultural e econômica essencialmente difícil, pois embora sejam filhos/as da cidade, “não são reconhecidos como parte dela, no sentido em que são constantemente ora invisibilizados, ora discriminados social e racialmente e estigmatizados” (SOUZA, 2013, p. 101). Nessa perspectiva, pode-se afirmar que “a partir da geografia da cidade e um conhecimento da população, pode-se compreender um fenômeno denominado ‘efeito-território’ que consiste em benefícios e/ou prejuízos sociais e econômicos que a população vivência pela sua localização nas cidades” (ANDRADE e SILVEIRA, 2013).

O efeito território preocupa-se em investigar o impacto que o local onde as pessoas residem influencia sobre suas perspectivas de vida, as oportunidades e desafios associados ao local (SANTOS & MOREIRA & GANDIN, 2018). Para compreendermos como a localidade está relacionada a educação, Paiva & Burgos (2009) afirmam que as escolas públicas geralmente tem como seus alunos os moradores do local onde está inserida e assim concluem que um local segregado, tanto por razões econômicas, sociais e culturais, impulsiona a segregação da escola, influenciando de forma negativa, seus alunos, professores e funcionários. Nesse raciocínio, Ribeiro e Koslinski (2009) relata que ocorre um baixo investimento nas escolas localizadas a margem do centro, principalmente na educação infantil, no qual essa fase escolar atribui uma responsabilidade no desempenho educacional futuro do estudante.

Ponderado sobre as questões da educação nas grandes cidades, Carvalho (2020) fomenta que aspectos como baixo nível de escolaridade, uma qualidade de ensino carente e evasão escolar são características das grandes cidades, mas que, conforme os locais aos quais estão inseridas, tendem a ser desfavoráveis. O que acontece na região do Subúrbio, as escolas de ensino fundamental estão espalhadas por toda a cidade, embora em sua maioria demarcadas pela

precariedade no que se refere as de ensino médio, muitas estão concentradas nas regiões centrais da cidade, essas conseguem ser consideradas relativamente adequadas, tendo biblioteca, sala de informática, enquanto do outro lado da cidade, no Subúrbio a realidade não é a mesma. Como afirma Borges e Carvalho (2017), nas áreas populares há uma predominância das escolas mais precárias, o que contribui diretamente com o índice de abandono e insucesso escolar. No Subúrbio, algo semelhante tem acontecido, o que demonstra que a relação entre precariedade institucional e o insucesso escolar não é um caso isolado do da região supracitada.

3 EDUCAÇÃO E OS JOVENS NEGROS DA PERIFERIA

Nas últimas décadas temos acompanhado o crescimento acelerado dos pesquisadores com interesse nas temáticas que abordam a formação e educação dos negros na sociedade brasileira. Argumenta-se que o crescimento desenfreado de pesquisas e pesquisadores sobre essa temática deve-se à criação de políticas públicas que visam reparar as lacunas que ocorreram desde o período colonial para com os negros. A chegada dos colonos portugueses no Brasil instalou-se um processo da educação com um teor segregacionista, excluindo os negros escravizados e livres, mulheres, os pardos e crianças abandonadas, isto é, a educação era direcionada à elite branca (SAVIANI, 2008). Isso tem reflexo até os dias de hoje, em que diversos pesquisadores associam esta situação ao racismo estrutural⁵ desenvolvido durante o período colonial e se postergou até então, resultando na marginalização dos jovens negros das periferias.

Para Oliveira e Oliveira (2009) as identidades dos jovens periféricos, em diversas vezes são associados às palavras como marginais e suburbanos de modo pejorativo. No entanto, nas últimas décadas os jovens vêm ressignificando o termo e utilizando em um contexto de luta e afirmação, rompendo com os estigmas impostos sobre eles e, para além disso, buscam mostrar que os problemas enfrentados na periferia também acontecem nas chamadas áreas nobres e centrais.

⁵ De acordo com Silvio Almeida (2019) compreende-se por racismo estrutural a forma como o racismo provém da estrutura em que a sociedade reage com normalidade ações discriminatórias de raça, ademais afirma que o racismo é um processo sócio-político e histórico que estabelece formas para que os determinados sujeitos sejam discriminados.

Um dos desafios enfrentados pelos jovens da periferia é durante a formação, sobretudo quando estão nos últimos anos do ensino médio. Nesse período, enfrentam dilemas que os levam a questionar sobre o futuro, já que as experiências aos seus arredores, passando pelos familiares e vizinhos a qual espelham, não conseguiram terminar o ensino médio, ou aqueles que terminaram não tem um emprego com salário justo e condições para frequentar o ensino superior. Desta forma, diversos jovens ficam à mercê das poucas oportunidades de empregos e oportunidades de formação superior. Dentre outros obstáculos enfrentado por essa juventude, Silva (2002) relata as questões como: desemprego, gravidez na adolescência, drogas, entre outras.

Ademais, o cotidiano dos jovens residentes nas periferias e Subúrbios são marcados por insuficiência de infraestruturas locais, no qual destaca o acesso a esporte, saúde, lazer e ensino de qualidade (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2009). Para os jovens vindos da periferia a educação básica influencia no prosseguimento da vida acadêmica, e quando o ensino é entre escola pública e privada, é possível perceber a discrepância no ensino. Segundo Aparecida da Silva Xavier Barros (2014, p.1072)

[...] o nível de escolaridade da população brasileira é baixo e desigual. Muitas instituições públicas de Educação Básica escolarizam as pessoas com insuficiências em aprendizagens fundamentais, como leitura, escrita e matemática, por exemplo. O que em grande parte favorece a eliminação precoce dos estudantes oriundos dos meios menos favorecidos.

A transcrição acima demonstra que insuficiência e precariedade no ensino básico estimula a evasão escolar para os jovens periféricos. Por isso, percebe-se que antes de chegar na universidade os jovens perpassam por determinadas barreiras no período colegial. Na verdade, parcela deles nem chegam a ocupar esses espaços. Aqueles que conseguem alcançar esse sonho, dividem a vida entre a universidade e o trabalho para contribuir em casa e a permanência nos estudos. Quando nos referimos as meninas as dificuldades são maiores, já que às vezes, engravidam ainda na fase adolescência, e muitas vezes são mães solas, o que resulta frequentemente na evasão escolar. Contudo, a violência que permeia a volta dos jovens negros, principalmente os meninos, afastam-nos do âmbito escolar. Outro motivo que atinge a população no período do ensino básico é a falta de representatividade nos conteúdos ensinados nas escolas.

De acordo com Oliveira e Oliveira (2009) a pedagogia da periferia que bebe na fonte do Paulo Freire, visa levar educação a partir da realidade e vivências locais, no tanto a educação formal como não formal. Assim os jovens tornam-se parte constitutiva do processo educativo, num processo atrativo e inclusivo para os estudantes e facilita na transição para as fases seguintes.

No que se refere ao ensino superior por muito tempo o perfil dos alunos que integravam as universidades, em sua maioria, eram pessoas brancas e da elite brasileira. A partir da primeira década dos anos 2000 percebe-se que a inserção de jovens negros em faculdades públicas e particulares, devido a políticas públicas implementadas com o intuito de reparar as desigualdades existentes em nosso país, assim afirma Faria (2019). Contudo, a inserção da população negra e oriunda de periferias e subúrbios nas instituições de ensino superior não necessariamente representa que as dificuldades foram ultrapassadas.

Nessa nova etapa outros obstáculos permeiam a vida dos acadêmicos, como por exemplo sobrevivência nas universidades, a violência, fome, a tentativa de conciliar emprego e estudo, e o próprio racismo estrutural encontrado nas instituições, entre outros fatores. O que incentiva a juventude periférica às vezes a não abandonar os estudos, deve-se a esperança de mobilidade social através da educação. Por vezes, isso torna a relação dos jovens de periferia/subúrbio com o ensino tende a ter uma trajetória curta. É válido ressaltar que ao longo dos últimos anos, as pesquisas evidenciam uma evolução positiva sobre a participação dos jovens das periferias no ensino superior, assim como no mercado de trabalho, devido a implementação de políticas de ações afirmativas e expansão das universidades para as regiões mais periféricas das cidades.

A entrada desses jovens nas universidades é influenciada dentro de casa, principalmente pelas mães, pais e responsáveis que aconselham os filhos sobre o papel da educação nas mudanças social, cultural e econômica, tanto a nível pessoal como coletivo. Desta forma, McCowan (2019) afirma que o ensino superior pode ter um impacto maior ou menor na sociedade e não apenas na vida do graduado, mas através de seu trabalho e outras interações a partir do que foi agregado com o estudo. Ademais, McCowan (2019) assegura que há influência benéfica da educação superior na vida dos graduados no que tange a termos salariais, saúde, capacitação, engajamento na comunidade e no âmbito político. Os jovens antes de

entrarem no ensino superior, planejam um projeto de vida para o momento após a conclusão do curso, embora nem sempre conseguem levar a diante.

Para Sotero (2009) o projeto de vida desses jovens é constituído mediante ao que acreditam que está dentro dos seus alcances, ou como realizável conforme as condições individuais, o que torna o ensino superior uma necessidade para galgar outros rumos na vida. Ainda em seus escritos, Sotero (2009) constatou que as expectativas dos jovens negros, sendo eles estudantes de universidades federais ou bolsistas em instituições particulares, ambicionam por uma boa inserção profissional, uma mudança na vida social. Em contrapartida, entendem as possíveis limitações frutos das desigualdades enfrentadas ao longo da vida o qual a formação no nível superior não seria capaz de sana-las. Constatou-se que o status que um universitário tem, de transitar em novos lugares, outras realidades, e muitas vezes reconhecido como referência no bairro para outros jovens (SOTERO, 2009).

Em conversa com um jovem negro formado, foi constatado que o mesmo estava desempregado, e decidiu prosseguir nos estudos, assim Sotero (2009) afirma que alguns estudantes também optam em prosseguir nos estudos, como especializações, pós-graduações para que agregue valor ao currículo e posteriormente impacte no quesito salarial. Após formado, os graduados recebem um certificado de que conseguiram concluir uma etapa da vida acadêmica. Para Bourdieu (2012) o diploma é um documento que confere ao portador um valor no que se refere a cultura e garantido perante a lei, fazendo com que em relação ao mercado de trabalho o trabalhador é competente para atuar no mercado. Sobre isso podemos relacionar ao que Bourdieu (1986) chama de capital cultural, que é composto em três formas, o encarnado, objetivado e institucionalizado, sendo esse último ao qual nos interessa. O capital cultural institucionalizado, refere-se ao capital cultural que foi agregado com qualificações obtidas através dos estudos.

Dado ao diferencial que se espera através da conclusão do nível superior completo, Melo e Araújo (2019) em suas pesquisas indaga que a preocupação e ambição dos egressos oriundos de zonas periféricas, é encontrar o emprego. Nesse sentido os valores atribuídos ao diploma não se resumem apenas na obtenção de emprego, mas sim, nos acessos e mudanças no estilo de vida que o cidadão formado possa conseguir. Melo e Araújo (2019) salientam que as transformações por meio do ensino superior, nem sempre ocorrem de forma imediata, refletindo em

impactos a médio e longo prazo, pois se tem um ideal que logo após a conclusão ocorra uma mudança na vida do formado.

Quando os jovens negros conseguem concluir a graduação, deparam-se com problemas que dificultam conseguir espaço no mercado de trabalho, inclusive o racismo estrutural ao qual privilegiam as pessoas brancas em detrimentos de negras, mesmo tendo as mesmas competências curriculares. Em outras palavras, afirma-se que “essa dificuldade existe em consequência do racismo “velado” disfarçado de brincadeira, que dificilmente aceita brancos e negros com mesma competência e qualificação profissional.” (FARIA, 2019, p. 15). Os reflexos do racismo se encontram presente no mercado de trabalho.

Por exemplo, entre os anos de 2015 a 2020 (antes dos efeitos da pandemia) os negros com ensino superior completo não ocupavam cargos de acordo com a sua formação, mas sim os cargos gerais que exigiam ensino fundamental ou médio completo, sendo 37,9% de homens e 33,2%, indicando a dificuldade em encontrar emprego correspondente ao seu grau de qualificação. Os dados revelam ainda que os trabalhadores brancos também passam por essa dificuldade, entretanto o percentual era menor, de 29,6% para homens e 27,8% mulheres. Os dados ainda apresentam que entre os anos supracitados, a quantidade de trabalhadores negros ocupando cargos de outros níveis foi o que mais cresceu e, de acordo com os responsáveis pela pesquisa, é notório que essa condição é efeito do racismo e discriminação presente no país (SOUZA, 2020). No entanto, "o acesso precisa ser um acesso em que todos sejam tratados igualmente e que ninguém seja distinguido" (VICENTE, 2020).

Em seus escritos Coraccini (2021) afirma que o ensino superior não é garantia de renda maior para empreendedores negros que contém nível superior, e apenas 16% conseguem ter uma renda igual ou superior a seis salários mínimos. Nota-se que o racismo dificulta os empreendedores negros de acessar altas rendas mesmo quando os requisitos educacionais solicitados pelo mercado são efetivados. E assim os passos para os jovens negros mesmo com formação é dificultoso, não tendo a garantia de um retorno financeiro e reconhecimento social através da educação.

4 METODOLOGIA

Essa pesquisa é um estudo de caso de natureza qualitativa, e a coleta de amostras foi por meio de estudo de campo, ou melhor, entrevistas semiestruturadas. Baseou-se em um roteiro de pesquisa, com questões abertas que foram utilizadas nas entrevistas, cujo foco foi identificar e responder as inquietações pertinentes ao estudo aqui desenvolvido. Ademais, conhecida como uma das ferramentas do método qualitativo, utilizou-se da análise de trajetória como técnica para os resultados alcançados. Segundo Alonso (2016), a análise da trajetória concentra-se em compreender os processos sociais através de mudanças ou permanências de posição, sejam elas, econômicas, políticas, profissionais, escolar, entre outras, sendo uma técnica que corresponde ao objetivo da pesquisa que foi analisar as possíveis mudanças ocorridas ou não na vida das formadas que residiram no Suburbana.

Desse modo, as entrevistas foram realizadas com quatro pessoas que concluíram a graduação entre os anos de 2011 - 2016 e que ao longo do curso residiram em um dos quinze bairros do Subúrbio Ferroviário, a proposta inicial era entrevistar homens e mulheres, entretanto, foram realizadas apenas com mulheres, pois, dentre as pessoas convidadas a participar, apenas as mulheres aceitaram. As perguntas basearam-se em investigar como foi a trajetória acadêmica e como estão as vidas delas após a conclusão dos seus cursos. No que se refere as técnicas de análise das entrevistas, contamos com a análise do conteúdo “compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento” (CAMPOS, 2004, p. 611). Essa técnica foi utilizada para analisar os materiais, extraíndo os conteúdos analisados (BARDIN, 1977). As informações coletadas foram transcritas de forma integral, o segundo passo fizemos uma leitura detalhada do material transcrito, de modo a elencar os conteúdos que melhor possam orientar e responder às questões da pesquisa.

Para chegar aos resultados dessa investigação, foi realizada uma entrevista com um roteiro semiestruturado com quatro jovens mulheres negras que residiram no Subúrbio ao longo da graduação. Os nomes utilizados nesse trabalho são fictícios, preservando a identidade das entrevistadas. A primeira de nome Fernanda, tem 27 anos é formada em Odontologia pela Unime. A segunda interlocutora chama-se Debora, tem 35 anos é formada em Letras pela Universidade Federal da Bahia

(UFBA), casada e mãe. A terceira é Joana, 32 anos, possui duas graduações a primeira em Comunicação Social com Produção em Comunicação e Cultura (2011) e Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (2016) ambas pela UFBA. A quarta e última de codinome Rute, tem 29 anos é formada em Administração pela Faculdade Dom Pedro II. No entanto nas próximas alíneas debruçaremos sobre os principais resultados encontrados a partir da aplicação da pesquisa.

5 ENSINO SUPERIOR NA VIDA DOS JOVENS NEGROS DO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR

A hipótese inicial sustentou que o ensino superior representa para os jovens da periferia de Salvador um denominador importante para driblar os constrangimentos socioeconômico e regional. Ao longo da escuta sensível foi possível conhecer a trajetória de vida destas egressas através de perguntas que buscavam retomar as lembranças da sua trajetória escolar (ensino básico e superior), obstáculos para ingressar na universidade, expectativas para o futuro e perguntas afins. Durante as entrevistas conhecemos a origem das egressas, e a realidade que elas têm em comum é a descrição do lugar onde residiam, marcadores como bairros distantes, com dificuldades de acesso a transporte ou que o tempo gasto no deslocamento para o centro da cidade frequentar o ensino superior, já que moravam em bairros mais afastados/ periféricos.

Ponderando sobre as dificuldades para o ingresso e permanência no ensino superior, a nossa primeira interlocutora, aqui denominada ficticiamente como Fernanda, que é moradora do bairro de Plataforma, nos contou sobre os desafios e esforços dos pais para mantê-la em colégios particulares. Seus pais entendiam que o ensino prestado nessa escola auxiliaria de melhor forma para nos exames prestados para ingressar no ensino superior se comparado com o ensino médio público. A jovem após o ensino médio ingressou numa das faculdades de ensino particular de Salvador, no qual contou com o apoio do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), programa do Ministério da Educação com a finalidade de financiar cursos de graduação. Ela argumenta que o Fies foi uma porta de entrada para uma equiparação no que tange a inclusão dos negros nas universidades.

Nesse sentido, questionada sobre as oportunidades de acesso a ensino superior entre brancos e negros, a segunda interlocutora, afirma que “as oportunidades nitidamente não são iguais, mas graças a luta que vem acontecendo nos últimos anos isso vem mudando, principalmente no acesso a universidades particulares que passou a acontecer graças ao FIES assim dando oportunidade a nós (nós porque me incluo, fiz faculdade graças ao FIES)”. O caso da Fernanda é interessante, pois concluiu a graduação em um dos cursos considerado como elitizado no país, cujos negros tem dificuldades de ingresso. Graduada em odontologia, a jovem salienta que tanto na turma como na universidade existiam poucos negros, principalmente os retintos. Ainda argumenta que antes de se formar não tinha visto ou sido atendida por dentistas negros, mas que percebe que tem tido aumento no quantitativo de dentistas negros.

Apesar das dificuldades para a conclusão do ensino médio numa escola privada, Fernanda salienta que, no cotidiano, os pais sempre mencionavam com a maior naturalidade, o que ela chama de “ordem obrigatória em fazer as coisas”, ou seja, a sequência de estudos, que consiste em ensino fundamental, médio, e seguindo direto para a faculdade. Levando em consideração que nem sempre é viável seguir essa sequência, diríamos que Fernanda foi um caso de sucesso, não só pelo incentivo dos pais, mas também as políticas de ações afirmativas que teve acesso. É na universidade que a jovem via o futuro, isto é, a única alternativa para garantir a sua realização pessoal e profissional. Ingressando na universidade aos 20 anos, informou que trabalhou desde os 18, assim com o iniciou cursos técnicos que não foram finalizados, por não se identificar com a área.

Quando questionada sobre as expectativas pós formada, respondeu que não era de criar expectativas irreais, porém esperava um cenário melhor daquele ao qual vivia ainda como graduanda. Atualmente trabalha na área de formação, e tem ressalvas sobre o exercício da função, pois o investimento na educação e o valor que recebe atualmente não são compatíveis. Isso acaba frustrando as vezes, porém continua se especializando, para futuramente abrir seu próprio escritório. Embora trabalhe na área, a jovem demonstra que se tivesse que escolher o curso depois das experiências que tem tido, optaria por uma graduação voltada para o empreendedorismo, tendo em vista o mercado de trabalho. Todavia, isso transparece o quanto o ensino superior está associado ao ter em vez de ser, em que o mercado acaba subordinando o conhecimento adquirido. No entanto, Fernanda

demonstra que a conclusão do curso superior abriu portas para o mercado e incentivou positivamente na sua vida e continua residindo no Subúrbio Ferroviário.

A semelhança do caso da Fernanda, a Debora também teve uma trajetória de sucesso, quando se refere as influências do ensino superior na sua qualidade de vida. A jovem é egressa do curso de Letras Vernáculas, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, cujos primeiros anos do ensino básico foram realizados num colégio particular em Vista Alegre. Dada às mudanças das condições financeiras dos pais, nos anos finais do ensino fundamental migrou para as escolas públicas, de onde cursou todo o ensino médio. A escola ficava localizado no bairro de Pituba, distante da sua residência, o que afigurou em dificuldades, sobretudo no que tange ao deslocamento entre os bairros. Filha de mãe “doméstica” e pai operador de eletricidade, os salários eram medianos, mas não impediu que financiassem um curso de língua inglesa que hoje em dia é um diferencial na sua vida profissional. Nota-se que apesar da insuficiência financeiras e a residência distante do local de ensino, não abandonou os estudos.

Debora desde cedo foi incentivada pelos pais a ver a universidade como a fator-chave para melhorias de condições de vida, o que fez diferença no seu ingresso numa universidade pública. Nos termos da própria Debora, “desde então, já tinha consciência que a única forma de mudar o meu futuro e da minha família seria através dos estudos, eu almejava entrar em uma universidade”. Ainda, afirma que demorou para conseguir ingressar na universidade e, por isso, enquanto aguardava por uma aprovação para ingresso no curso superior, fez cursos na área de secretariado, embora não chegou a exercer a profissão na área. O ingresso na UFBA se deu através da política de cotas para alunos negros, e ao saber que foi aprovada foi uma felicidade. Já a permanência na universidade foi um pouco sacrificada, porque não teve acesso às políticas de ações afirmativas, apesar das tentativas, e por isso, precisou estagiar em dois lugares diferentes para conseguir custear xerox, livros e transporte.

No que tange ao transporte, a jovem salienta que teve dias que precisou sair de casa andando até a um bairro vizinho para pegar ônibus direto para o campus onde estudava, afirmando que o trajeto a deixava cansada para estudar. Percebe-se aqui, que a permanência na universidade é um dos desafios para os jovens de periferias, o que demonstra a necessidade de melhoria no acesso a políticas públicas para democratização do ensino superior. A escolha pela licenciatura

ocorreu por ser um curso menos concorrido na época e de fácil adesão no mercado após formada. Fica evidente que, para os jovens oriundos da periferia, as escolhas de cursos não são condicionadas somente pelos gostos ou áreas de interesses, mas sim pela facilidade de acesso e mercado que ela possa oferecer. Nesse contexto, Debora se orgulha da escolha, pois, “ainda durante o curso algumas portas se abriram, tais como os estágios remunerados. No entanto, noto hoje com maior clareza o quanto a Universidade nos oferece em termos de conhecimento, vivências e experiências, dos quais não pude participar pela necessidade da tripla jornada”.

Assim como Fernanda, a ideia da Debora após a conclusão da graduação era prosseguir nos estudos, tais como, especialização e mestrado, porém, isso não ocorreu porque conseguiu ingressar no mercado de trabalho na sua área de formação, completando 10 anos no período da entrevista. Atualmente a professora trabalha no colégio particular e ministra cursos de línguas, o que considera um fator determinante na mudança da sua qualidade de vida: “É notório que a formação foi um divisor de águas para mim”. Contudo, a conclusão do curso superior foi o passaporte para o mercado de trabalho, bem como para mudanças de bairros já que, atualmente não reside no Subúrbio. Este último indicador difere Debora da Fernanda, porém existem outros denominadores comuns nos quais ambas declararam que o ensino superior mudou os seus padrões de vidas e garantiu o mercado de trabalho nas suas áreas de formações.

Ainda comparando o perfil acadêmico das duas jovens, verificou-se que ambas entraram nas universidades por cotas raciais para negros. Em relação aos cursos escolhidos foram diferentes, pois a Fernanda optou por um curso elitizado – Bacharelado em Odontologia, numa faculdade particular, enquanto Debora fez um curso considerado popular – Licenciatura em Letras Vernáculas, numa universidade federal pública. Os casos das jovens são interessantes porque ambas viram suas vidas alcançarem outro patamar social, após conclusão dos respectivos cursos. Outrossim, questionadas se houve obstáculos em encontrar emprego na área após a conquista do diploma, afirmaram que não, pois conseguiram atuar com tranquilidade, apesar dos receios sobre o preço salarial.

A egressa Joana argumenta que desde a segunda série do ensino fundamental, estudou em colégio público. Similar as demais entrevistadas, tinha a universidade como um objetivo a ser conquistado, um mecanismo de melhorar a sua realidade socioeconômica. Visando aumentar as possibilidades de estudo gratuito

numa universidade pública após terminar o ensino médio, a egressa participou dos processos seletivos para cursos técnicos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, pois não deu segmento porque foi aprovada na universidade antes da fase final do dito concurso. Joana não é a primeira da família a conquistar um diploma, seu único irmão e mais velho possui graduação em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela UCSAL (bolsista integral). A Joana também possui graduação em área semelhante sob a influência do irmão.

Assim como muitos estudantes de zonas periféricas, a escolha pelo curso não ocorreu por um sonho de determinada profissão, pois ela relata que tinha vontade de graduar-se em arquitetura. O curso de arquitetura exigia dela a prova do vestibular com conhecimentos específicos nas áreas exatas, porém, devido à falta de confiança sobre a sua bagagem em relação às ciências exatas, optou para a área das Ciências Humanas considerando fatores pessoais, como ser expressiva e comunicativa. A sua vida acadêmica foi marcada principalmente por dificuldades, residindo em um bairro bem distante do campus. Joana chegava a pegar quatro ônibus passando aproximadamente quatro horas por dia no deslocamento entre casa, universidade e estágios, já que tinham que se manter financeiramente tendo em vista que não conseguiu os auxílios da faculdade, não podendo dedicar-se exclusivamente aos estudos. Ela ressalta que foi sortuda, pois o seu curso só ministrava aulas no período matutino (iniciando às 7 horas), o que não era comum na maioria dos cursos.

Retomando a questão do deslocamento, Joana nos conta um episódio marcante da sua vida acadêmica, os bullyings sofridos por professores: “sofria para chegar cedo para pegar a primeira aula, que começava sempre às 7h; já sofri até bullying de professores reclamando de atraso, sugerindo que pegasse táxi para não perder presença”. A fala desses professores, podemos pontuar como reflexo do racismo estrutural e da falta de empatia sobre as dificuldades dos jovens periféricos para a permanência no ensino superior. Quando questionada sobre o acesso dos negros à universidade ela nos trouxe pontos pertinentes a essa temática, como as políticas de ação afirmativa, a dificuldade de permanecer. Nos termos da própria interlocutora:

O sistema de cotas e as políticas de assistência ao estudante ampliaram esse horizonte. É um território a ser conquistado pela ótica do esforço e sempre como porta de entrada para uma perspectiva de mudança de vida. Além disso, o ponto mais cruel não é só entrar, é se manter “estudante”, considerando as dificuldades de acompanhar os conteúdos quando se tem uma formação anterior incipiente, existe a necessidade de conciliar com uma fonte de renda e até mesmo a distância geográfica para a universidade. Muitos fatores pesam, sobretudo quando não existem motivações externas para influenciar por esse caminho e condições financeiras que assegurem a permanência (Joana, 2022).

A transcrição acima demonstra que os obstáculos dos negros em relação ao acesso e permanência nas universidades não se resumem às questões financeiras, mas também, o déficit nos conteúdos durante o ensino médio, que se afigura num gargalo durante a formação superior. Ademais, a jovem argumenta que, quando ingressou na UFBA, passou a conhecer de perto as crueldades do racismo estrutural, o que levou ao entendimento de que a universidade tinha cor e classe social predominante, mormente branca e de classe média alta. Ainda na fase de conclusão do curso percebeu que teve algumas mudanças no cenário, devido as políticas públicas implantadas, inclusive ela se beneficiou do sistema de cotas para ingressar na faculdade. A semelhança de outros jovens da periferia, Joana tinha como propósito dar continuidade na vida acadêmica após a graduação, para seguir a carreira fazendo mestrado, doutorado e afins, porém teve que deixar para segundo plano, em face as experiências das relações desiguais no ambiente acadêmico, e a necessidade de trabalhar, que inclusive atua na sua área de formação.

A administradora Rute também concluiu o ensino superior durante o período de 2011 a 2016. A jovem relata que enfrentar a distância é algo recorrente desde o seu ensino médio, o qual realizou em dois bairros distantes de sua residência, inclusive em seu último ano escolar passou a vender doces para custear um cursinho pré-vestibular, tendo em vista que não sentia confiante para prestar o vestibular com os aprendizados adquiridos ao longo da sua vida escolar em instituições públicas. Ingressar no ensino superior era a meta de Rute, vendo seus primos formados ansiava por essa inserção, pois ela tinha a ambição de proporcionar uma vida de conforto a sua família. Rute tentou ingressar nas universidades públicas ou Prouni e não conseguiu, o FIES para ela não era uma opção, pois, ela não queria ter uma dívida pós formada, desse modo, optou por trabalhar durante o dia, para poder pagar a faculdade e cursa-la a noite.

As experiências da Rute são peculiares, pois apesar da insuficiência financeira e dos condicionamentos geográficos que limitou o seu acesso e permanência na Universidade, conseguiu o sonhado objetivo de formar. A singularidade do seu processo formação superior é interessante tendo em vista que não conseguiu nenhum dos benefícios das políticas de ações afirmativas dos governos. Enfrentando a dupla jornada entre trabalho e faculdade, Rute diz que não tinha tempo para dedicar-se aos estudos para além das horas em sala de aula e o tempo que conseguia para fazer as demandas da faculdade.

A administradora nos conta que o trabalho não era tão próximo ao local que estudava, mais um desafio até chegar lá, tendo que sair às pressas do trabalho para não perder o ônibus que a levaria para aula, pois se perdesse comprometeria seu horário de chegada às aulas. As dificuldades continuam quanto ao horário de saída da aula, já que residia em um bairro distante e com poucas opções de transporte, tinha que sair correndo para não perder o único ônibus daquele horário específico. Se perdesse, demoraria em média uma hora para passar outro e o percurso para chegar em casa levava aproximadamente uma hora e meia. Rute, conquistou o sonhado diploma e ingressou no mercado de trabalho na área de formação. Hoje adquiriu um imóvel financiado na Região Metropolitana de Salvador, o qual considera um dos resultados da sua conquista após a formação superior. Ademais, comparando a trajetória da Rute com a da Joana, podemos perceber que tiveram experiências distintas, mas, tiveram melhorias de condições de vidas com a conclusão do curso e ingresso no mercado de trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou discutir como o ensino superior influencia na vida das jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Os dados da pesquisa revelaram que a educação tem um poder transformador e que através dela podemos melhorar as vidas das pessoas, porém é necessário investimentos para que as pessoas menos assistidas, neste caso jovens negras das periferias possam beneficiar desses serviços. Uma das interlocutoras afirmou que concluiu sua graduação em universidade particular de Salvador devido ao FIES. Nesse sentido, podemos afirmar que tanto a FIES como o Prouni (as duas maiores políticas públicas voltada

a educação superior) vem desempenhado um papel efetivo na sociedade, fazendo valer o direito à educação para as pessoas que estão inseridas nas camadas menos favorecidas.

No caso das universidades federais, notamos que apesar das existências de políticas estudantis que auxiliam a permanência dos estudantes na universidade (transporte, moradia, alimentação e afins), nem todos os ingressos com perfil de beneficiário tem acesso a essas ações afirmativas. Isso demonstra que embora os estudantes necessitam dessas ações por vezes não conseguem devido às questões burocráticas que regem o programa. As ações afirmativas que tem sido de maior facilidade de acesso no ensino público são as cotas raciais, cujas entrevistadas advogam que na altura só conseguiram ingressar nas universidades por conta das cotas para negros. Com isso fica nítido que as ações afirmativas para negros no âmbito do ensino superior têm proporcionado resultados efetivos, garantido aos jovens negros da periferia o acesso e permanência na formação superior, tanto nas universidades públicas como nas privadas. Cabe destacar que isso também tem facilitado na democratização do acesso a ensino superior, embora de forma tímida.

Por fim, concluímos dada a distância entre o Subúrbio e os campi universitários, as jovens ingressantes no ensino superior têm como obstáculos a distância e demora em chegar na universidade, o que torna essa trajetória acadêmica mais densa do que esperado. Normalmente, não conseguem ter uma dedicação exclusiva de estudos, tendo em vista que tanto as atividades extracurriculares como estágios, e pesquisas fora dos muros das universidades. No entanto, mesmos diante das desses desafios diversos tem conseguido terminar a faculdade, como foi o caso das nossas interlocutoras. Algumas literaturas demonstraram que para a população negra, após a conclusão da graduação, muitos não conseguem trabalhar na área de formação, porém no caso específico dessa pesquisa, percebemos que todas ocupam cargos correspondente as suas graduações, o que podemos considerar como um caso de sucesso, e um resultado efetivo das políticas públicas e cotas raciais para negros. Ademais, recomenda-se que essas políticas devem ser estendidas e desburocratizadas para melhorar o índice de participação da população negra nas universidades e no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Angela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. In: *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais bloco qualitativo*. São Paulo: Sesc/CEBRAP. 2016.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, A. S. X. Vestibular e Enem: um debate contemporâneo. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.22, n. 85, p. 1057-1090, out./dez. 2014.
- BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: BOURDIEU, P. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2012. p.39-64.
- BOURDIEU, P. As formas de capital. In: J. Richardson (Ed.) *Manual de Teoria e Investigação em Sociologia da Educação*. New York: Greenwood 241-258.
- BORGES, Ângela; CARVALHO, Inaiá. Revisitando os efeitos de lugar: segregação e acesso ao mercado de trabalho em uma metrópole brasileira. *Caderno CRH*, Salvador, v.30, n. 79, p. 121-135, jan./abr. 2017.
- CARVALHO, Inaiá. Desigualdades raciais no espaço urbano. *Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades*. Salvador. V.45, n.249, p 137-166, jan./abr.2020.
- CORACCINI, Raphael. Ensino superior não garante renda maior para empreendedores negros. *CNN Brasil*. São Paulo. 09 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/ensino-superior-nao-garante-renda-maior-para-empresarios-negros-diz-pesquisa/#:~:text=Um%20levantamento%20recente%20conduzido%20pelo,superior%20a%20seis%20sal%C3%A1rios%20m%C3%ADnimos.>>> Acesso em: 13 set. 2022.
- ESPINHEIRA, Gey; SOARES, Antonio Mateus de Carvalho. Pobreza e marginalização: um estudo da concentração e da desconcentração populacional nas metrópoles latino-americanas: o caso de Salvador, no Brasil. *Anais.. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Caxambu, MG, 2006. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1609/1572>>. Acesso em: 02 dez. 2021.
- FARIA, Gisele. Dificuldades encontradas por jovens negros no acesso à universidade. Goiânia. Mar. 2019.
- IBGE- instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *População nos Censos demográficos, segundo os municípios das capitais – 2000/2010*. Brasil. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6> Acesso em: 30 jan. 2022.
- KOSLINSKI, Mariane C.; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. A cidade contra a escola? O caso do Município do Rio de Janeiro”. *Revista Contemporânea de Educação*. 2009.

MCCOWAN, Tristan. Os perigos do conceito de impacto no ensino superior. *Revista Eletrônica de Educação*, v.13, n.3, p. 777-795, set. / dez. 2019.

MELO; P. ARAÚJO, N. Da periferia à universidade: sucesso escolar e qualidade de vida de jovens de classe popular. WACQUANT, L. Esclarecer o habitus. *Educação & Linguagem*, São Paulo, ano 10, n. 16, p. 63-71, jul./dez. 2007.

OBSERVÁTORIO SSA. Bairros. Disponível em: <
<https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

OLIVEIRA; Heli. OLIVEIRA; Elaine. Juventudes, periferias e o debate teórico acerca dessa temática no campo da educação. *Ensaio Filosóficos*. Volume XIX. Julho/2019.

PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, Marcelo Baumann (Orgs.). *A escola e a Favela*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Pallas, 2009.

REGIS, Imaira S. R. *Lobato e Paripe no Contexto da Avenida Suburbana: Uma análise Sócio espacial*. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). *Pesquisa Social-Teoria, Método e Criatividade*. 21.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2021.

SANTOS, G. S. dos; MOREIRA, S. C.; GANDIN, L. A. Desafios do Trabalho Escolar e do Currículo na Escola Pública: interfaces com o efeito do território periférico. *Currículo sem Fronteiras*, v. 18, n. 3, p. 760-784, set./ dez. 2018.

SAVIANI, D. História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. *EccoS*, São Paulo, v.10, n. especial, p. 147-167, 2008.

SILVA, V. Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 97-115. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 20 set. 2022.

SOTERO, Edilza. *Negros no ensino superior, trajetórias e expectativas de estudantes de administração beneficiados por políticas de ação afirmativa (prouni e cotas) em Salvador*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

SOUZA, Cristiane Santos. *Trajetoórias de migrantes e seus descendentes: transformações urbanas, memória e inserção na metrópole baiana*. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2013.

SOUZA, Felipe. Negros com ensino superior têm mais dificuldade para achar vaga qualificada. *Uol economia*. 20 nov. 2020. Disponível em: <
<https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2020/11/20/pesquisa-negros-com-ensino-superior-nao-conseguem-emprego.htm>> Acesso em: 20 set. 2022.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Idade:

Autodeclaração:

Deseja informar se nome ou uso de nome fictício?

Você sempre residiu no Subúrbio?

Como foi seus estudos durante o ensino médio?

Como você enxergava a universidade, enquanto estudante do ensino médio?

Antes de entrar na universidade você trabalhou?

Antes de ingressar na universidade pensou em fazer ou fez algum curso técnico ou profissionalizante?

Na sua família possuem pessoas com nível superior?

Como você analisa o acesso dos jovens negros nas universidades?

Você tem referências de pessoas negras em universidade? Se sim, é parente, amigo, vizinho?

Quais motivos impulsionaram a fazer uma graduação?

A escolha do curso da graduação aconteceu por qual motivo?

A universidade a qual você estudou é pública ou particular? Se pública, contou com auxílio e/ou bolsa ao longo da graduação? Se particular, utilizou algum dos programas sociais prouni/fies ou alguma outra bolsa de estudo?

Relate sobre sua trajetória na graduação

Quais as expectativas que você prospectou pós conclusão do curso?

Há quanto tempo está formado?

Como está a sua vida após a conclusão do curso?